

# O rascunho é um risco do tempo

*The Sketch is a Time's Scrawl*

*Il schizzo è un scarabocchiare di tempo*

Renata Froan

Universidade Federal do Ceará

E-mail: renatafroan@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1613-9878>

João Vilnei de Oliveira Filho

Universidade Federal do Ceará

E-mail: joaovilnei@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9616-6069>

## RESUMO

Rascunhar. Este artigo, de caráter ensaístico, desdobra-se desse gesto infraordinário (Perec, 2010). A partir de uma pesquisa com ênfase em processo de criação com cadernos de artista, propõe-se pensar o rascunho não enquanto uma preparação para uma obra, mas como ato de criação. Como gesto de presença. Experimentação. Nesta escrita, arrisca-se o risco de entender o rascunho como uma poética. Percurso reticente, inacabado, que desobedece os ponteiros do relógio e engendra um outro ritmo. Um tempo-lento (Tessler, 2011). Sendo assim, ao longo deste texto, circula-se a seguinte questão: que outra(s) temporalidade(s) é(são) possível(eis) experienciar quando se assume o rascunho enquanto gesto criador?

**Palavras-chave:** *Caderno de artista; escrita; processos de criação; rascunho.*

## ABSTRACT

Sketch. This paper, of an essayistic nature, unfolds from this infraordinary gesture (Perec, 2010). Based on research with an emphasis on the creation process with artist's sketchbooks, we propose to think of the sketch not as a preparation for a work, but as an act of creation. As a gesture of presence. Experimentation. In this writings, there is the risk of understanding the sketch as poetic. A reticent, unfinished route that disobeys the hands of the clock and creates a different rhythm. A slow time (Tessler, 2011). Therefore,

throughout this text, the following question arises: what other temporality(ies) is(are) possible to experience when taking on the sketch as a creative gesture?

**Keywords:** *Artist's sketchbook; creation processes; sketch; writing.*

## RIASSUNTO

Schizzo. Questo articolo, di carattere saggistico, si sviluppa a partire da questo gesto straordinario (Perec, 2010). Sulla base di una ricerca che pone l'accento sul processo di creazione con i taccuini d'artista, proponiamo di pensare il schizzo non come alla preparazione di un'opera. Tuttavia, come atto di creazione. Come gesto di presenza. Sperimentazione. In questa scrittura c'è il rischio di intendere il schizzo come poetica. Un percorso reticente, incompiuto, che disobbedisce alle lancette dell'orologio e crea un ritmo diverso. Un tempo lento (Tessler, 2011). Pertanto, in tutto questo testo, sorge la seguente domanda: quale(i) altra(e) temporalità è(sono) possibile sperimentare quando si assume lo schizzo come gesto creativo?

**Parole chiave:** *Processi di creazione; schizzo; scrivere; taccuino dell'artista.*

Artigo recebido em: 15/11/2023  
Artigo aprovado em: 31/01/2024

## Introdução

Arranho, com as pontas dos dedos dançando sobre o teclado, esta folha artificial que brilha em minha tela (e, agora, na sua, que lê). Arrisco o risco e esboço, como quem desenha sem borracha. Esboço, rasgo, cavo. Esboçar é testar e, nesta escrita, busco o teste. Meu objeto, que partilho com você, é o que faço em meus processos de criação enquanto artista visual e escritora: uma poética dos rascunhos. Cecília Salles (2011), em *Gesto inacabado*, traz esse termo para se referir ao trabalho da crítica, no campo da literatura, junto ao que ela chama de documentos de processo (registros como esboços, agendas, diários, cadernos etc.). No entanto, nesta escrita, trago esse termo para nomear a poética que desenvolvo com e a partir dos cadernos.

Rascunho, esse gesto extraordinário (Perec, 2010). Rascunhar é experimentar. Rascunhar é ensaiar. Esta escrita, que se faz artigo, ensaia, porque rascunha, rasga. Portanto, quero fazer destas palavras digitadas ponta de lápis, a mesma com a qual percorro meus cadernos e faço nascer rabiscos,

o risco de ser palavra que se quer desenho, desenho que se quer palavra, traçado de poema. Quero convidar você a percorrer este trajeto comigo. Vamos abrir, página por página, uma fenda na fina camada que sustenta os ponteiros invisíveis do tempo cronológico, com o risco do rabisco que rascunho – ao longo de um tempo-lento (Tessler, 2011). Essa fenda é o nosso fio e novelo – não conduzem, mas nos movimentam. A fenda é o próprio percurso, traçado pelas palavras cravadas neste documento. À medida que abrimos esse rasgo, costuramos o seguinte tensionamento: que outra(s) temporalidade(s) é(são) possível(eis) experienciar quando se assume o rascunho enquanto gesto criador?

Não prometo respostas, peço que você arrisque o risco da dúvida comigo. Afinal, rascunhar pode ser um início, um começo, mas rascunhar também é um processo reticente. Inacabamento. O rascunho é um vir a ser. Um se fazer. Tecer e retecer. Devir (Deleuze; Guattari, 2012). Neste texto, trabalho que se desdobra da pesquisa que desenvolvo no mestrado em Artes, proponho que nos lancemos no hiato provocado por uma interrogação – ou seriam interrogações?

Para isso, ao longo do texto, seguiremos as pistas, os vestígios, os indícios que saltam dos meus rascunhos. Proponho que sigamos um itinerário não linear, no qual os meus primeiros riscos, ainda enquanto criança, se encontram com os rabiscos que traço, nesse tempo de agora. Como que sobrepostos. Cada tópico deste texto é uma camada de tempo que se sobrepõem. Neste trabalho, descaderno meus cadernos (Campos, 2004) para que possamos acessar esse percurso que é processo de criação e é vida.

## **Arranhar os ponteiros gestando tempo**

Para falar sobre o que chamo, a partir de Cecília Salles (2011), de poética dos rascunhos, antes, preciso evocar o que o poeta Waly Salomão (1996) chamava de ilha de edição: a memória<sup>1</sup>. Sabendo disso, puxo a gaveta da escrivinha onde, neste instante, escrevo. Retiro uma agenda de capa preta, da Cequip<sup>2</sup>. Abro nesta página (e peço que, se possível, você se demore nela):

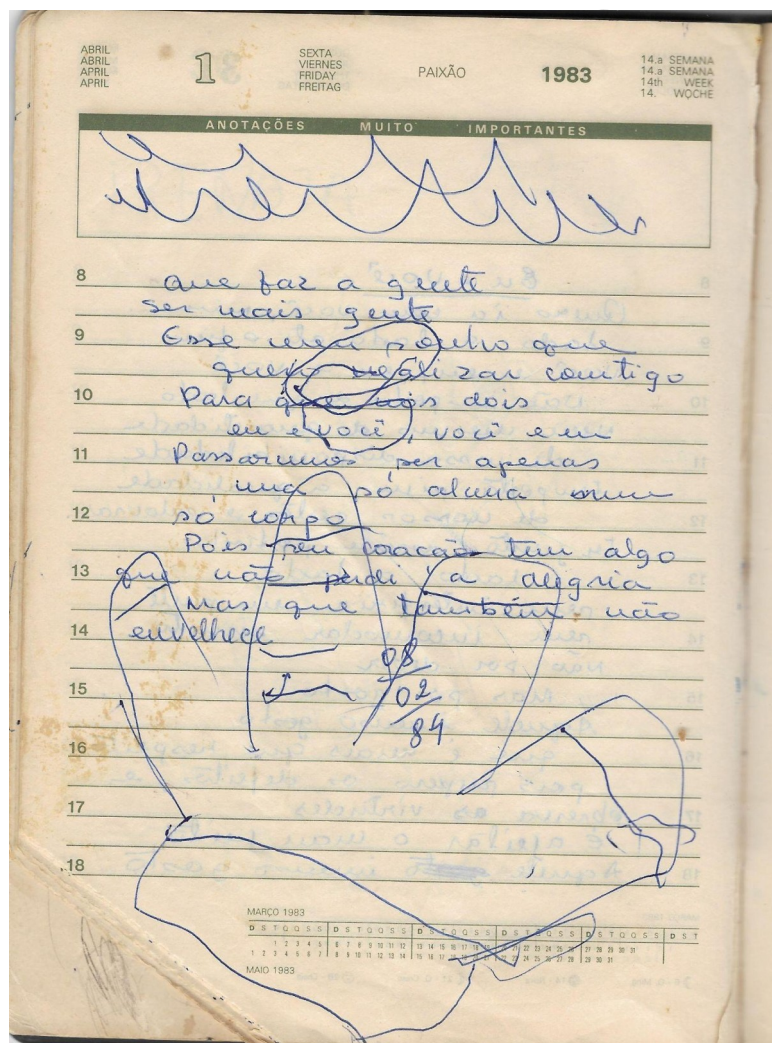


Figura 1. Agenda de 1983. Fonte: acervo pessoal.

*"Que faz a gente ser mais a gente"...*

O poema, escrito de caneta azul, começa assim (Fig. 1). É um poema da minha mãe. A agenda também é dela, mas há pelo menos três anos tenho a mantido perto de mim. Guardada, com cuidado, como algo precioso. Meu pequeno mistério precioso. É uma agenda de 1983, seis anos antes do meu nascimento. Minha mãe, não intencionalmente, subvertia o uso. Escrevia, entre uma página e outra, seus textos. Percorria esse objeto, que também entendo como um espaço<sup>3</sup>, como quem percorre um caderno. Anotações e rascunhos de textos vivos permanecem em suas páginas, dispostos ao encontro (e reencontro), como fotografias em um álbum. Há memórias, vestígios de



poemas mais antigos, escritos em 1975, 1978, bem como poemas de 1983 e posteriores a esse ano, 1984... Uma agenda que não registrava, primordialmente, os dias, os afazeres de um ano. Mas uma agenda que é/era/foi espaço de criação.

Um furo nos calendários.

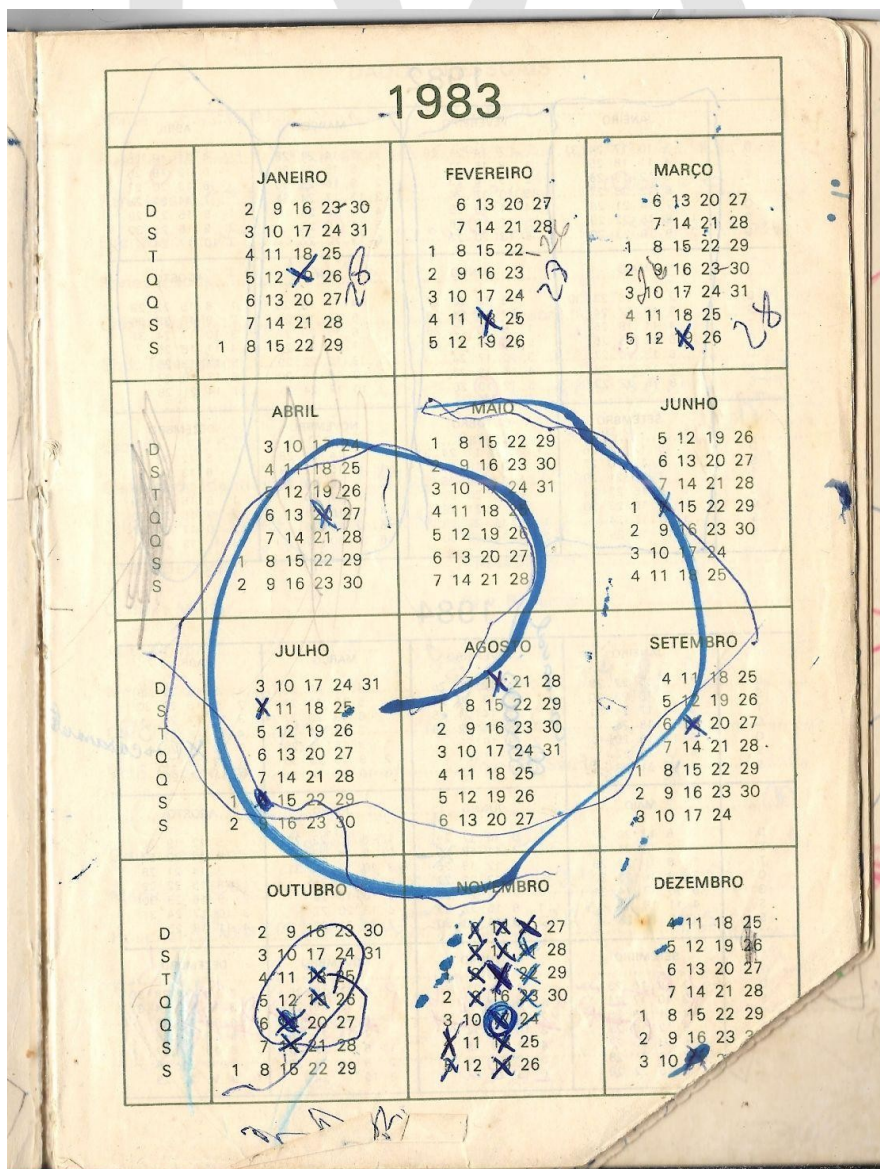


Figura 2. Agenda de 1983. Fonte: acervo pessoal.

Cerca de nove ou dez anos depois do poema (Fig. 1), sou eu que me entranho nessa fissura temporal para sobrepor uma nova camada. Com essa mesma agenda, em algum momento dos anos 1990, eu criei os meus primeiros rabiscos. Garatujas. Esparramei a minha pequenina mão sobre os versos da minha mãe. Eu, criança, rasurei sem apagar, as palavras cravadas por ela. Espalmei meus dedos e imprimi meu corpo como risco na página. Um risco também azul, como se tivesse puxado as mesmas linhas das palavras escritas em 1984. Com esse azul, sou eu quem também faço dessa cronologia supostamente retilínea (passado, presente, futuro), uma dobra. Uma espiral (Fig. 2). Como se, na minha brincadeira de criança, já soubesse que o tempo não necessariamente “só anda de ida” (Barros, 2002, p. 66). E crio, anacronicamente, um diálogo entre a juventude de minha mãe e meus primeiros anos de vida. Artigo, no hiato do tempo fora dos ponteiros, mais um caminho pelo qual percorremos, juntas, o mesmo espaço.

Mas, o que acontece se olharmos para a fresta, o furo que conecta os tempos?

Há um artigo da Conceição Evaristo que leva o seguinte título: “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita”. Ela começa dizendo assim: “talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe” (Evaristo, 2007, p. 16). Apesar das diferenças de como a escrita chega à Conceição e chega até a mim, encontro-me com o que a autora fala, quando me encontro com a agenda de 1983. E penso: talvez o meu traço, os meus rabiscos, venham de um gesto gestado (Tessler, 2011), há muito tempo, por aquela que me gestou. Talvez seja isso que aconteça no vão dos tempos que se sobrepõem nessa agenda. Um gesto que gesta outro, restando (Panadés, 2017), no eco do intervalo – guarde essa palavra, retornarei a ela mais adiante.

No poema “Paisagem com futuro dentro”, do livro *Expedição: nebulosa*, Marília Garcia (2023) diz assim:

todo dia a paisagem é a mesma  
mas a cada vez que olho ganha  
uma nova camada

fecho os olhos e agora é paisagem na  
memória           superfícies  
sobrepostas

buscar nessas camadas  
um detalhe que venha do futuro  
um grão de estrela pairando ali  
discreto no ar  
uma pequena diferença que mostre  
o que está a caminho

ler na paisagem com o futuro dentro  
fazer o futuro entrar na linguagem  
e me dizer o que eu não vejo  
(Garcia, 2023, p. 10).

Minha mãe guardou essa agenda ao longo de todos esses anos. De 1983 até 2021 (e, agora, quem guarda sou eu). Lembro de vez por outra, ao revirar as caixas com os álbuns de família, vê-la. Por muito tempo, essa agenda não me disse nada de novo. A paisagem era a mesma. Uma agenda antiga, com riscos que eu fazia quando criança. Marília Garcia (2018), no livro *Parque das ruínas*, também fala que, às vezes, a leitura é um jogo de escala: “[...] é preciso se aproximar ao ponto de perder o todo/ mas outras vezes é preciso se afastar muito do texto” (Garcia, 2018, p. 32). Precisei transcorrer quase 30 anos para que algo na agenda pudesse ser lido, visto. Precisei me afastar, muito. Distância temporal (Garcia, 2018). Foi preciso que um detalhe viesse do futuro para dizer o que eu não via/lia.

Paro de escrever e vou buscar, na estante que se encontra atrás de mim, um dos meus vários cadernos. Ele tem como capa *O nascimento de Vênus do Sandro Botticelli*<sup>4</sup>. Abro nesta página (e, novamente, peço que você exercite a demora):





Figura 3. Caderno de artista (2019-2020). Fonte: acervo pessoal.

Como a legenda já entrega, é um caderno com produções de 2019-2020 (Fig. 3). Na página de fundo amarelo, à direita, perto da mão vermelha, tem um escrito que diz assim: "algo que atravessa o tempo". Foi no criar e recriar com meus cadernos, no eco, na reverberação do tempo, que, em 2021, ao me deparar novamente com a agenda de 1983, eu pude vislumbrar uma centelha pairando nas páginas amareladas. Por entre poemas e garatujas, eu pude ver uma brecha do futuro. "Algo que atravessa o tempo".

Espanto. Foi preciso que a vida acontecesse para que esse gesto, de criar rabiscos, ecoasse, dobrasse o espaço-tempo e reverberasse em meu presente. Foi preciso tempo para que eu percebesse o que havia na agenda e, conseqüentemente, em meus cadernos. Cadernos que, no ecoar do tempo, passei a conceituar por cadernos de artista.



Explico: o que chamo de cadernos de artista é um caderno que não é mais caderno, pode ser outra coisa, porque subverte o seu uso. Caderno de artista pode ser um espaço. Espaço inventado (Ostrower, 1995). Espaço invenção. Inventário. Caderno de artista pode ser uma odisséia por esse espaço (Perec, 1974). Caderno de artista pode ser espaço de/da criação (Salles, 2011). Cadernos de artista podem habitar e gestar garatujas, riscos, rabiscos, linhas, palavras. Palavrasdesenho. Cadernos de artista podem ser um labirinto que dobra espaço e tempo pelo eco dos rascunhos<sup>5</sup>. Tal qual a agenda da minha mãe. Uma agenda que deixou de ser agenda e virou outra coisa. Segundo um comentário que recebi da minha banca de qualificação do mestrado: talvez a agenda fosse/seja o caderno de artista da minha mãe. Que, também foi/é meu.

“Que faz a gente ser mais a gente”... Repito, em pensamento, reformulando: o que faz a gente ser mais a gente? Questiono-me. Lembro de uma música composta por Manuca Almeida, Lalado e Alexandre Leão, “Pop Zen” (1999). Ela diz assim: “tudo o que você tem não é seu/ tudo que você guardar/ pertence ao tempo,/ que tudo transformará”.

Talvez, a fagulha para a criação poética que desenvolvo parta daí. Dos intervalos. Entre o meu passado e o passado da minha mãe; entre o meu passado e o meu presente. E, se como diz o físico Étienne Klein (2019, p. 21), “o tempo não quer saber nem dos relógios, nem do dia 30 de fevereiro”, talvez essa poética também tenha nascido de algum lugar da paisagem, onde o meu futuro morava/mora dentro.

Agora, consigo ver, cintilando como um grão de estrela.

## **Pelo furo dos intervalos: rascunho**

Resgato a palavra que pedi para guardarmos logo no início deste texto: intervalo. Para Didi-Huberman (2002), ela existe enquanto conceito. No livro *Ninfa moderna*, ele discorre que

O intervalo é o que torna o tempo impuro, esburacado, múltiplo, residual. É a interface de distintos estratos de uma espessura arqueológica. É o meio de movimentos fantasmas. [...] É o deslocamento criado por rupturas ou por proliferações genealógicas. É o contratempo, o grão da diferença na engrenagem das repetições. É o hiato dos anacronismos, é a malha de buracos da memória. É o que intrinca e separa alternativamente os fios – ou as serpentes – da meada dos tempos. É o caminho que percorre uma impressão para sua encarnação. [...] É o olho do redemoinho, dos turbilhões do tempo (Didi-Huberman, 2002, p. 505).

Hiato dos anacronismos, buracos da memória. Lembro novamente do Waly Salomão e da ilha de edição. Memória. Fazer e refazer, tecer e destecer. Palimpsesto<sup>6</sup>, que se escreve e inscreve pelos rastros, pelos vestígios, pelos indícios, pelas frestas, pelos buracos, furos no tempo (ou seria do tempo?). No inacabamento – tal como um rascunho. Corro o risco e afirmo que a poética que desenvolvo nasce desses furos. Da malha porosa da memória. Dos grãos da diferença das repetições. De que modo?

Na intimidade, no cotidiano do meu fazer artístico, rabiscar é um hábito frequente, usual. E, à medida que me entendi artista e me aprofundei nas discussões, nos estudos sobre poéticas visuais e processo de criação em artes, percebi que esse gesto de rabiscar em meus cadernos de artista não era, necessariamente, uma preparação para uma obra. Era um gesto de presença. De criação. Se bastava em si. Na trivialidade dos meus dias, no meu cotidiano, na maior parte do tempo, eu não estou planejando uma obra. Eu estou agindo. Criando. A partir dos rabiscos que se querem palavra, desenho e poema, crio rascunhos.

Volto para a palavra rascunhar para delimitá-la melhor dentro do contexto desta escrita. O significado mais usual – de acordo com os dicionários – é de esboço. Início. O rascunho é um começo de algo. Em inglês, inclusive, tem como sinônimo a expressão: *first plan*, ou seja, primeiro plano (Rascunho..., 2023). Acontece que, em meus processos de criação, isso que seria um primeiro planejamento de algo, não planeja.

Rascunho e acumulo esses rascunhos em meus cadernos. Não somente numa perspectiva de armazenamento. Guardar. Há uma outra intencionalidade. Acumulo os rascunhos para que produzam memória, a partir do intervalo. É no hiato, na intermitência entre um rabisco e outro, entre uma palavra e um desenho, que o tempo se manifesta. Acumulo os rascunhos para que o tempo possa agir sobre eles. E, também, sobre mim. Sobre a experiência que vou tecendo com e em meus processos de criação. Acumulo para que a vida possa acontecer. Para que, na distância temporal, algo possa ser percebido. Como um grão de estrela (ou da diferença).



Figura 4. Composição com vestígios da agenda de 1983 e cadernos de artista de 2019, 2020, 2021.  
Fonte: acervo pessoal.

No livro *Gesto inacabado*, Cecília Salles (2011), ao falar sobre processo de criação, diz assim: “o tempo é, por sua vez, o grande sintetizador do processo criativo que se manifesta como uma lenta superposição de camadas” (Salles, 2011, p. 40). Acumulo rascunhos em meus cadernos para o tempo agir, em sua lentidão. E, num percurso não linear, retorno a esses rascunhos para compor com eles (Fig. 4). Sobrepondo camadas. Camadas de intervalos. Criando uma malha porosa, de memória. E, assim, experimentando uma outra cronologia, a partir da demora, da intermitência, do anacronismo.

Gesto rascunhos para arrancar as horas, rasgar os dias, furar os calendários. Assim, testamos o tempo cronológico, eu, os rascunhos, os rabiscos, as palavras, os desenhos, os cadernos (e, claro, a agenda). Esboçamos um percurso de inacabamento, numa lógica contraprodutiva. O processo é a

seta, ou melhor, o círculo, a espiral. Tecer, retercer. O rascunho em meus processos de criação não são planejamentos, não são projetos. Não seguem um fluxo de caos à ordem. Não apontam um destino. São um ensaio. Ensaio enquanto teste, experimentação.

Max Bense, no texto “O ensaio e a sua prosa”, pontua que “ensaio significa *tentativa* [...] O ensaio é expressão do modo experimental de pensar e agir” (Bense, 2018, p. 173, grifo do original). O autor está tratando sobre ensaio pela perspectiva do trabalho e do processo com a escrita. No entanto, aqui, arrisco testar ampliar essa percepção do ensaio e me aproximar dela a partir dessa noção que ele traz de teste, ou seja: experimentação de pensamento e ação. Arrisco, por esse trajeto, a entender que o rascunho pode ser um modo de ensaiar. Afinal, como pontua Marília Garcia, ao refletir sobre o mesmo texto de Bense: “[...] o ensaio costuma ser lido como uma *tentativa de falar* – como aqui tento falar – e ao mesmo tempo como uma *tentativa de testar o mundo* sendo os dois gestos indissolúveis/ em relação direta:/ objeto e sujeito se entrelaçam/ repensando as descontinuidades” (Garcia, 2018, p. 64, grifos do original).

Uma tentativa de falar. Uma tentativa de testar o mundo – “e ao mesmo tempo testar a si mesmo” (Garcia, 2018, p. 65). Será que rascunhar pode ser um modo de testar o mundo, a partir da ranhura da descontinuidade? Não quero responder, pois o que me interessa é que eu e você, que me lê, nos inquietemos com a dúvida. Contudo, afirmo: é esse o percurso que se aproxima daquilo que crio quando rascunho e componho com eles. E, por isso, quando me refiro a uma poética dos rascunhos, é a esse processo que me refiro. De tentativa, teste, experimentação. E dúvida. Afinal, testar é questionar.

Sendo assim, ensaio assumir o rascunhar não só na ação de fazer rascunho, mas no modo de criar e lidar com a criação. Pelo inacabamento, pela abertura das reticências e reverberação das interrogações, que fazem fenda, rasgo. Arranham...

Arranhar. A etimologia da palavra rascunho parte daí. Arranhar, riscar. Amplio, com essas palavras, para pensar no rascunho também pela ação de rasgar. O rascunho, neste trabalho, em minha pesquisa de mestrado, em meus processos de criação, é um rasgo. Um modo de abrir fissura no mundo e testá-lo. Tencioná-lo.



## O risco do tempo (e no tempo)

Manoel de Barros (1997, p. 79) diz que “é preciso deformar o mundo”. Suspeito que as coisas insignificantes estão muito mais propensas a criar torções no mundo do que as coisas regidas por uma suposta importância. Como um rabisco, garatujas, palavras que se soltam em traço e dançam em poema, fazem desenho. Um gesto que corre e ecoa despreziosamente. Talvez seja por isso que eu rascunho e não queira descartá-lo. Apagá-lo. Rascunho como um modo de existir – e se não é a vida um grande rascunho? Sempre um vir a ser. Reticente?

Deformar o mundo... Que mundo é esse que estou falando? Essa pergunta, respondo: um mundo regido pelos cronômetros, calendários, prazos. O mundo da “*pressão de desempenho*” (Han, 2015, p. 27, grifos do original). Produtividade, utilitarismo. O mundo dos algoritmos que insistem em engajamento. Seguidores, quanto mais, melhor. Mais visualizações. O mundo das hierarquias, pautadas por ordem de relevância (crescente, sempre crescente). Um mundo que não pode parar, porque parar é perder tempo. Perder tempo é perder dinheiro. Eis a grande relevância desse mundo: dinheiro. Como deformar esse mundo? Bom, não vou rasgar dinheiro e dizer que não preciso dele – uma grande hipocrisia da minha parte seria. Contudo, como pontua Ailton Krenak (2020, p. 12): “ninguém come dinheiro”. Então, o que alimenta o nosso desejo? A nossa paixão pela vida? O que nos causa espanto com ela?

No rasgo do rascunho, no risco do rabisco, espanto-me com o tempo. Este que está sempre presente, mas, como diz Marília Garcia, em “Paisagem com futuro dentro”: “[...] às vezes quase ninguém/ nota a sua presença/ ele fica discreto/ no fundo da sala ou/ então é um minúsculo/ pontinho ao longe atravessando/ a paisagem” (Garcia, 2023, p. 11). E quando falo de tempo, não falo de relógio. Os relógios têm o tempo enferrujado dentro (Barros, 2010). Afinal, como pontua Byung-Chul Han (2021), em *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo*,

A sociedade do cansaço atual faz o próprio tempo de refém. Ela o acorrenta ao trabalho e o transforma em tempo de trabalho. O tempo do trabalho é um tempo sem conclusão, sem início e sem fim. Ele não exala [nenhum aroma]. A pausa não marca, como pausa do trabalho, um outro tempo. Ela é apenas uma fase do tempo de trabalho. Hoje, não temos nenhum outro tempo senão o tempo do trabalho. O tempo do trabalho se totaliza como o tempo (Han, 2021, p. 16).

O tempo do trabalho, enferrujado no relógio, aprisiona a nós mesmos, como nos diz Julio Cortázar (1998) em “Preâmbulo às instruções para dar corda no relógio”:

Quando dão a você de presente um relógio estão dando um pequeno inferno enfeitado, uma corrente de rosas, um calabouço de ar [...] dão a você um novo pedaço frágil e precário de você mesmo, algo que lhe pertence mas não é seu corpo, que deve ser atado a seu corpo com sua correia como um bracinho desesperado pendurado a seu pulso. Dão a necessidade de dar corda todos os dias, a obrigação de dar-lhe corda para que continue sendo um relógio (Cortázar, 1998, p. 31-32).

Quando falo de tempo, corro fora da curva do sentido horário e fujo para compor um outro itinerário. Quando falo de tempo, estou falando daquele que vive fora dos ponteiros, desenclausurado dos dias, solto dos calendários. O tempo que anda de mãos dadas com a poesia (Klein, 2019). Um tempo que tem aroma e exala o perfume da pausa, do silêncio. Um tempo do fechar de olhos (Han, 2021). Tempo-lento (Tessler, 2011), o tempo do processo de criação.

Contudo, o tempo dos ponteiros urge. Ele sempre urge. E sua urgência me impele a encerrar esta escrita, pelo menos por enquanto. Encerro, mas encerro com a insistência do inacabamento. O inacabamento é uma lacuna e pela lacuna o que passa é um caminho reticente. Deixo essa lacuna exposta, aberta, para seguir com a discussão que ao final deste texto se desdobra (discussão sobre tempo produtivo e tempo do processo de criação) em um outro momento.

Os ponteiros urgem, mas insisto em ir devagar. Na lentidão, repito a pergunta que circulo ao longo desta escrita: que outra(s) temporalidade(s) é(são) possível(eis) experienciar quando se assume o rascunho enquanto gesto criador?

Arrisco: talvez, a lentidão de uma infinita sobreposição de gestos – no eco de um tempo poroso.

E afirmo: no rasgo desses gestos, que gestam rascunhos, testando mundo, não sou eu quem tensiona o tempo. É ele que me tensiona, questiona-me. Na fenda do rabisco, o que há é o risco. O risco do próprio tempo. E esse é o meu espanto: a vida.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BARROS, Manoel. Entrevistas como ninguém fez. *In*: MARTINS, Bosco. **Diálogos do ócio**: um inventário de amizade com o poeta Manoel de Barros. Campo Grande: Editora UFMS, 2002. p. 31-93. Disponível em: [https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5454/1/DI%c3%81LOGOS\\_DO%c3%93CIO.pdf](https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5454/1/DI%c3%81LOGOS_DO%c3%93CIO.pdf). Acesso em: 13 nov. 2023.
- BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. Tradução: Samuel Titan Jr. *In*: PIRES, Paulo Roberto (org.). **Doze ensaios sobre o ensaio**. São Paulo: IMS, 2018. p. 169-183.
- CAMPOS, Haroldo de. **Galáxias**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2004.
- CORTÁZAR, Julio. Preâmbulo às instruções para dar corda no relógio. *In*: CORTÁZAR, Julio. **História de cronópios e de famas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p. 31-33.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. (v. 4).
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ninfa moderna**: Essai sur le drapé tombé. Paris: Gallimard, 2002.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p 16-21.
- FROAN, Renata; CARVALHO, Rafael de Sousa. O que pode ser um caderno de artista? Objeto, espaço, constelação. *In*: ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP NORDESTE, 4., 2022, Fortaleza. Anais... Fortaleza: IFCE, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/ivencontorregionalanpapne/487539-o-que-pode-ser-um-caderno-de-artista-objeto-espaco-constelacao/>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- GARCIA, Marília. **Parque das ruínas**. São Paulo: Luna Parque, 2018.
- GARCIA, Marília. **Expedição**: nebulosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: em busca de um outro tempo. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021. Disponível em: [https://cloudflare-ipfs.com/ipfs/bafykbzacebolqdllylujp64l7itxgbm6dlzqxq3g2qnqingoe2brsvepdr3di?filename=Byung-Chul%20Han%20-%20Favor%20fechar%20os%20olhos\\_%20em%20busca%20de%20um%20outro%20tempo-Vozes%20%282021%29.pdf](https://cloudflare-ipfs.com/ipfs/bafykbzacebolqdllylujp64l7itxgbm6dlzqxq3g2qnqingoe2brsvepdr3di?filename=Byung-Chul%20Han%20-%20Favor%20fechar%20os%20olhos_%20em%20busca%20de%20um%20outro%20tempo-Vozes%20%282021%29.pdf). Acesso em: 13 nov. 2023.
- KLEIN, Étienne. **O tempo que passa (?)**. Tradução: Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2019.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.
- OSTROWER, Fayga. **A sensibilidade do intelecto**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PANADÉS, Júlia. **Ela, a criação**: também em Clarice Lispector e Louise Bourgeois. 2017. 240 p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada e Teoria da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

PEREC, Georges. **Espécie de espaços**. Tradução: Mariana Silva da Silva. Paris: Éditions Galilée, 1974. Disponível em: <http://grupoflume.com.br/wp-content/uploads/2020/10/Espe%CC%81cies-de-espac%CC%A7os.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2023.

PEREC, Georges. Aproximações de quê? Tradução: Rodrigo Silva Ielpo. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 12, n. 1, p. 177-180, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2010000100014>. Acesso em: 16 jun. 2023.

POP ZEN. Composta por Manuca Almeida, Lalado e Alexandre Leão. [S. l.: s. n.], 1999. 1 vídeo (5 min). Postado pelo canal de Arnaldo Antunes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QBH70GfZHZQ>. Acesso em: 13 nov. 2023.

RASCUNHO. *In*: Michaelis. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/busca/portugues-ingles-moderno/rascunho/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**. 5. ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

SALOMÃO, Waly. **Algaravias**: câmara de ecos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

TESSLER, Elida. Todo tempo é lento: no decorrer de gestos contínuos. *In*: SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**. 5. ed. São Paulo: Intermeios, 2011. p. 15-20.



## NOTAS

---

1 Trecho do poema “Carta a John Ashbery” presente no livro *Algaravias: câmara de ecos*, publicado originalmente em 1996 e relançado em 2007 pela Editora Rocco.

2 Cequip Importação e Comércio Ltda. é uma empresa cearense de veículos, peças, máquinas e equipamentos agrícolas.

3 Fayga Ostrower (1995), artista e teórica de arte que se dedicou às discussões sobre espaço e tempo nas artes visuais, apontava que, pela perspectiva da arte, não há “o” espaço, em uma definição fechada. Porém, há espaços. Numa multiplicidade. Ela entendia que o que se articula, no campo artístico, são espaços vividos (OSTROWER, 1995). No livro *A sensibilidade do intelecto*, ela afirma que “a arte é uma linguagem do espaço” (OSTROWER, 1998, p. 23), pois articula as vivências que constituímos com ele e a partir dele. Sendo assim, quando me refiro à agenda enquanto espaço, estou me referindo a essa articulação de Ostrower. De espaço vivido. Espaço que se constrói a partir da experiência, por meio da criação.

4 *O nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli (1483-1485). Atualmente, a pintura se encontra na Galleria degli Uffizi, em Florença, Itália. Veja-a aqui:

<https://artsandculture.google.com/asset/the-birth-of-venus/MQEeq50LABEBVg?hl=pt-BR&avm=2>. Acesso em: 15 fev. 2024.

5 Acerca dos cadernos de artista, no artigo “O que pode ser o caderno de artista: objeto, espaço, constelação”, que conta com a coautoria de Rafael Carvalho, esmiuço mais: ver Froan e Carvalho (2022).

6 Palimpsesto se refere a uma técnica adotada na Idade Média, que consistia em apagar o conteúdo de um manuscrito para reinscrever um novo texto. Era um modo de reaproveitar o pergaminho, papiro. O conteúdo original era lavado ou raspado, para dar lugar a um novo.